

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

REVISAR O PASSADO E NEGAR A HISTÓRIA: O MEME COMO USO POLÍTICO DO PASSADO

GALLINDO, Dora de Sá¹

Resumo:

O presente artigo é um recorte da pesquisa em desenvolvimento no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, ProfHistória – UFPB. No Brasil, identifica-se um cenário de disputas de narrativas sobre o passado que contestam e relativizam períodos sensíveis da história nacional, como a Ditadura Militar (1964 – 1985), chegando até mesmo a negar evidências e acontecimentos históricos. Tais ideias históricas são amplamente veiculadas em mídias digitais contemporâneas, como os memes. Considerando que a formação da consciência histórica de jovens estudantes não ocorre somente com a escolarização formal, torna-se imprescindível compreender o conteúdo, a produção e a difusão de usos do passado e de ideias históricas sem respaldo acadêmico em outros contextos de aprendizagem, como a web. Diante disso, este trabalho tem como objetivo analisar os usos do passado e a ideia de Ditadura Militar brasileira (1964-1985) em memes de internet, especificamente aqueles que veiculem abordagens revisionistas, negacionistas e falsificadoras da história. O estudo será fundamento na Didática da História, sobretudo em autores como BERGMANN (1989), CERRI (2001, 2010), SADDI (2012, 2014) e RÜSEN (2001, 2011). Para alcançar o objetivo em questão, apresentarei e diferenciarei conceitos e abordagens acerca do revisionismo historiográfico, do negacionismo e da falsificação da história. Logo após, analisarei os sentidos históricos acerca da Ditadura Militar subjacentes nos memes em questão. Por fim, com base na teoria da história de Jörn Rüsen, discutirei a relação entre verdade, narrativa histórica e orientação na vida prática em um contexto de propagação de negacionismos, revisionismos e discursos autoritários. Tal finalidade será alcançada por meio de metodologias qualitativas de análise de conteúdo com viés interpretativo.

Palavras-chave: Ensino de História. Negacionismo. Revisionismo. Memes. Ditadura Militar.

1. Introdução

No presente trabalho pretendo analisar os usos do passado e a ideia de Ditadura Militar brasileira (1964-1985) em memes de internet, especificamente aqueles que veiculem abordagens revisionistas, negacionistas e falsificadoras da história. Essa

¹ Mestranda no Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória – UFPB). Gallindo.dora@gmail.com

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

temática se tornou uma preocupação devido ao cenário de disputas de narrativas sobre o passado na cultura histórica contemporânea, que contestam e relativizam determinadas abordagens históricas acerca de períodos sensíveis da história nacional, como a Ditadura Militar instaurada no Brasil entre 1964 e 1985, chegando até mesmo a negar evidências e acontecimentos históricos. Para além do período histórico em questão, processos como a escravidão no Brasil², o Holocausto e o nazismo³, para ficarmos em alguns temas, também são alvos de negacionismos e revisionismos.

Esse contexto de disputas em torno dos sentidos históricos perpassa a produção historiográfica na academia, o espaço público e o espaço escolar. Considerando que a formação da consciência histórica tanto de professoras(es) quanto de estudantes não ocorre somente com a escolarização formal, torna-se imprescindível compreender o conteúdo, a produção e a difusão de usos do passado e de ideias históricas sem respaldo acadêmico em outros contextos de aprendizagem, como a *web*. Sobretudo quando grupos políticos usam o passado de forma intencional para legitimar ações no presente e projetar orientações futuras a partir de distorções, manipulações, negacionismos e falsificações.

Isto posto, iniciarei a discussão apresentando e diferenciando conceitos e abordagens acerca do que considero três eixos essenciais da pesquisa aqui desenvolvida: a dizer, o revisionismo historiográfico, o negacionismo e a falsificação da história. Logo após, analisarei como esse período histórico é mobilizado na internet por meio de memes. Por fim, com base na teoria da história de Jörn Rüsen, discutirei a relação entre verdade, narrativa histórica e orientação na vida prática em um contexto de propagação de negacionismos, revisionismos e discursos autoritários.

² Em 2018, durante entrevista no programa Roda Viva, da TV Cultura, o então presidente Jair Bolsonaro negou a participação dos portugueses no tráfico de escravizados da África para o Brasil a partir do século XVI, relativizou os efeitos da escravidão e do racismo no Brasil, bem como negou o golpe dado pelos militares em 1964. Disponível em: <https://exame.com/brasil/no-roda-viva-bolsonaro-questiona-escravidao-e-cotas/>. Acesso em: 06.01.2020.

³ Já em 2019, o chanceler Ernesto Araújo, durante entrevista a um canal no *YouTube*, associou o nazismo a um movimento de esquerda. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/nazismo-de-esquerda-o-absurdo-virou-discurso-oficial-em-bras%C3%ADlia/a-48060399>. Acesso em: 06.01.2020.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

2. Revisionismo historiográfico, negacionismo e falsificação da história: conceitos e abordagens

Em relação a reescrita da história, Traverso (2017, p. 32) aponta que a descoberta de novas fontes e/ou a mudança de paradigma interpretativo podem gerar um novo olhar sobre acontecimentos que se pressupunham integralmente conhecidos, do mesmo modo que podem revelar acontecimentos ocultos ou que possuíam uma interpretação equivocada.

Destarte, a revisão da história assume uma conotação legítima e é necessária para a construção do conhecimento histórico. Em alguns casos, Demian Melo (2014, p.19) afirma que o termo revisionismo é utilizado para designar tais abordagens renovadoras na historiografia. Já Traverso (2017, p.32) destaca que o termo também é usado em viradas ético-políticas na maneira de retratar o passado, que foram qualificadas por Jürgen Habermas como “tendências apologéticas” na historiografia, salientando que esse tipo de releitura do passado se torna discutível devido aos objetivos políticos imbuídos em sua argumentação. Nesses casos, Melo (2014) pontua que o termo é utilizado como uma forma de crítica às tendências apologéticas e/ou reacionárias presentes em tais narrativas, assumindo um teor explicitamente negativo. O autor ainda destaca a utilização do termo em referência aos escritores que negam a existência do Holocausto, os chamados negacionistas. Essa última concepção, contudo, representa “sua variante mais caricata, já que mera manipulação ideológica que objetiva negar evidências” (MELO, 2014, p. 19).

A depender do contexto, portanto, o termo revisionismo pode assumir diferentes sentidos, até mesmo opostos entre si. De acordo com Melo (2014), a noção foi originalmente empregada no campo do movimento socialista no final do século XIX e início do XX com uma conotação pejorativa. No entanto, após a Segunda Guerra Mundial, o termo foi introduzido na historiografia para se referir a revisões legítimas que reinterpretavam narrativas históricas tidas como oficiais do Estado ou até mesmo explicações acadêmicas bem consolidadas (MELO, 2014).

Entretanto, em outros contextos hermenêuticos recentes, o termo apareceu com teor claramente negativo, como forma de crítica a certas abordagens, principalmente em razão de suas tendências apologéticas (e/ou reacionárias), como acontecem nos debates sobre a

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Revolução Francesa, cujo exemplo mais proeminente é François Furet, e sobre o fascismo, nos quais se situam Ernst Nolte e Renzo De Felice (MELO, 2014, p. 19).

Na década de 1980, a utilização do termo revisionismo se tornou mais complicada por ter sido apropriada pelo conjunto de escritores que negaram a existência das câmaras de gás e o genocídio dos judeus perpetrado pelo Estado nazista alemão. Escritores franceses como Paul Rassinier e Robert Faurisson, ambos ligados à extrema direita, afirmaram realizar uma revisão da história quando publicaram artigos em jornais e livros negando a existência do Holocausto.

O historiador Pierre Vidal-Naquet, em sua obra “Os Assassinos da Memória” (1988), desvela o método empregado por essa corrente autointitulada revisionista, além de apresentar os componentes ideológicos desse discurso – o que considera mais importante do que debater com tais escritores. Ao longo do livro, Vidal-Naquet demonstra como Paul Rassinier e Robert Faurisson recorreram a mentira pura e simples, ao falso e a uma documentação inconsistente como método para fundamentar suas análises (1988 p. 40). O autor aponta ainda que esses escritores não reconheceram o conjunto de fontes sobre o período, tratando como mentira ou manipulação os testemunhos de judeus e os documentos acerca dos métodos de extermínio nazista. Além disso, denuncia os elementos ideológicos presentes em formas e proporções diferentes segundo os autores, como nacionalismo alemão, neonazismo, anticomunismo, antissionismo e antissemitismo.

Como exposto, ao longo do século XX, o termo revisionismo adquiriu diferentes e contraditórios significados. Por isso Traverso a qualifica como uma “palavra camaleão”, cuja polissemia provocou muitas vezes mal-entendidos. O conceito é utilizado, portanto, para se referir a revisões históricas legítimas, a revisões de caráter discutível e a revisões profundamente nefastas (2017, p.35). Diante disso, a historiadora Luciana Soutelo pondera que o negacionismo se relaciona de modo geral ao revisionismo, considerando-o como sua variante minoritária, mas salienta que é pertinente uma distinção entre os dois termos (2009 *apud* MELO, 2013). O revisionismo apologético e/ou reacionário não nega os fatos históricos em si, mas infringe pressupostos teórico-metodológicos legítimos da

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

historiografia, pois desconsidera os contextos históricos analisados com o intuito de favorecer propósitos ideológicos do presente (SOUTELO, 2009, p. 100 *apud* MELO, 2013, p. 58). Já o negacionismo se vincula a tendências ideológicas da extrema direita, contudo essa abordagem nega explicitamente ou atenua acontecimentos e evidências históricas.

Por outro lado, o historiador Luís Edmundo Moraes (2011) refuta a vinculação dos negacionistas do Holocausto a uma forma de revisionismo historiográfico. Moraes desloca o lugar social do negacionismo para o campo da falsificação politicamente motivada. Negacionistas como Germar Rudolf e David Irving se apresentavam publicamente como historiadores e publicavam seus textos no formato da escrita historiográfica. Com isso buscavam respaldo de um público não especializado tendo em vista a legitimidade social do historiador enquanto profissional responsável pela representação verídica sobre o passado.

Entretanto, Moraes aponta uma contradição. A forma aparentemente historiográfica dos escritos negacionistas era separada dos métodos de análise válidos da história enquanto ciência (2011, p.10). Uma das fraudes cometidas era a distorção intencional de sentido de proposições verdadeiras de pesquisas historiográficas sobre o Holocausto, utilizando citações de forma descontextualizadas, fazendo inferências inapropriadas e até mesmo subtraindo trechos de fontes originais (MORAES, 2011, p. 14). Em função disso, o historiador brasileiro aponta a dupla fraude cometida pelos negacionistas:

Por um lado, trata-se de uma historiografia falsificada, ou seja, de um texto que falsifica de forma consciente suas referências de legitimidade, reivindicando o caráter de escrito historiográfico sem sê-lo, apresentando formas próprias ao texto historiográfico (linguagem, notas de rodapé, lista bibliográfica etc.), mas ao mesmo tempo em que rompe com seus fundamentos e limites. Por outro, trata-se de um passado falsificado, que também de forma consciente é produzido, ancorado na recusa de todos os indícios e evidências que o contradigam, reivindicando o caráter de proposições verificáveis sem sê-lo” (MORAES, 2011, p. 15, grifos do autor).

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Sobre a análise de Moraes, ainda destaco a seguinte questão. São os propósitos e fundamentos dos negacionistas que determinam os procedimentos de suas análises para produzir um resultado que não poderia ser diferente do apresentado, ou seja, a afirmação que não houve extermínio sistemático e que não existiam câmaras de gás nos campos de concentração (Moraes, 2011, p. 3).

Por fim, os conceitos e abordagens discutidos nesta sessão sobre revisionismo, negacionismo e falsificação da história apontam instrumentos de análise para a investigação da circulação social do conhecimento histórico sobre a Ditadura Militar brasileira, tanto em relação a historiografia sobre o tema quanto a representações revisionistas, negacionistas e falsificadoras presentes em memes de internet. Do que foi apresentado, destaco a relevância de relacionar a interpretação da experiência passada com os seguintes elementos utilizados na construção do sentido histórico: fontes, métodos de análise, lógica do discurso, interesses e parcialidades sem respaldo acadêmico, meios de circulação das ideias históricas, público a quem se dirige e possíveis danos causados.

3. Memes como uso político do passado

Em 1976, na obra “O gene egoísta”, Richard Dawkins cunhou o termo *meme* como o “gene da cultura” para se referir à transmissão cultural como um processo semelhante à transmissão genética. Na cibercultura, o conceito de meme de Dawkins foi apropriado para se referir à recriação e replicação de diversas formas de conteúdo digital, com isso, passa a se caracterizar como uma mídia em si mesmo (POPOLLIN, 2019, p. 10).

Segundo Limor Shifman (2014), os memes de internet compõe um grupo com características semelhantes, dentre elas a de serem criados a partir de uma consciência mútua e por sofrerem transformações na medida em que são apropriados por outros usuários. Sílvio Cadena (2018), por sua vez, contesta essa definição ao questionar: “materiais que não são criados a partir de uma consciência mútua e que não sofreriam modificações ao longo de sua circularidade na web não seriam ‘memes de internet’” (p. 77). A perspectiva de Shifman se dirige para os memes nativos da esfera virtual, já Cadena incorpora outras linguagens, como charges, tirinhas e caricaturas que foram integrados à

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

internet e que necessariamente não precisam passar por mudanças ao sempre copiados, reapropriados e compartilhados por outros usuários. Guilherme Popollin (2019, p.10) acrescenta outros formatos que os memes podem assumir na *web*, como fotomontagens, vídeos, frases e *hashtags*⁴.

Isto posto, os memes de internet podem assumir diversos formatos (vídeo, imagem estática associada a texto ou não, texto em formato de imagem, GIFs, frases, *hashtags* etc.) e possuem como característica a replicação, que pode sofrer alterações ou não em sua circularidade pela *web*. Apesar de serem amplamente conhecidos pelo humor, Shifman afirma que os memes podem abordar temas mais sérios em seu conteúdo.

Por sua vez, esta pesquisa se orienta, sobretudo, para um conjunto de memes produzidos como reação a série “Os Dias Eram Assim”, realizada pela Rede Globo, em abril 2017⁵. Por meio de uma narrativa ficcional, a trama da série “Os Dias Eram Assim” girou em torno de um romance que perpassou processos históricos do país, desde a Ditadura Militar até o período de redemocratização. No enredo, as autoras Ângela Chaves e Alessandra Poggi retrataram a repressão sofrida por alguns personagens que militaram contra a ditadura. Mesmo representando os anos 1970 de forma “abrandada”, a série provocou reações contrárias na internet.

Em 19 de abril de 2017, dois dias após o lançamento da série, um Deputado federal filiado ao PSL (Partido Social Liberal) publicou um vídeo⁶ em sua página oficial do *Facebook*. No vídeo, o próprio Deputado convoca seus seguidores a divulgarem a *hashtag* #OSDIASNÃOERAMASSIM como uma forma de enfrentamento – e negação – a representação da Ditadura Militar realizada pela série, especialmente em relação a luta armada. Junto com a *hashtag*, o Deputado solicita que os seguidores postem em suas redes sociais imagens e vídeos comparando as décadas de 60 e 70 com o contexto atual.

⁴ *Hashtag* é uma expressão que se refere ao uso de uma palavra-chave precedida pelo símbolo #. As *hashtags* são utilizadas para categorizar conteúdos publicados em redes sociais. Disponível em: <https://www.significados.com.br/hashtag/>. Acesso em 07.09.2021.

⁵ Disponível em <https://globoplay.globo.com/os-dias-eram-assis/t/Bw2CCKmkfV/>. Acesso: 15.07.2021

⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=678620372330590&extid=FJF7UAcY68vA9uyI>. Acesso em 15.07.2021.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

O vídeo suscitou a produção de diversos memes que foram veiculados em redes sociais como *Facebook* e *Twitter*. Essa ação virtual intencionalmente motivada pelo Deputado tomou proporções ao ponto de ser reportada pelo jornal Folha de São Paulo no dia 26 de abril de 2017⁷.

Isto posto, dedicarei o próximo subtópico à análise de conteúdo do meme intitulado “Na época da Ditadura “Os Dias eram Assim”, ressaltando também seu contexto de circulação. Tal peça digital será analisada a partir da categoria “Meme como negação da história”. Adianto que essa tipologia se relaciona ao conceito de negacionismo explorado na sessão anterior.

3.1 Meme como negação da história

Em 2017, foram produzidos memes que negavam determinados aspectos da Ditadura Militar, como as práticas de repressão e censura perpetradas pelo Estado ditatorial. Tais mídias circularam em jornais de alcance nacional, como a Folha de São Paulo, e em redes sociais como o *Facebook* e o *Twitter*.

Figura 1 – Na época da Ditadura “Os Dias eram Assim”



Fonte: Folha de São Paulo, 2017.⁸

⁷ Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/04/1878571-seriado-da-globo-motiva-memes-que-ironizam-crimes-da-ditadura-militar.shtml>. Acesso em 15.07.2021.

⁸ Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/04/1878571-seriado-da-globo-motiva-memes-que-ironizam-crimes-da-ditadura-militar.shtml>. Acesso em 15.07.2021.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

O meme da Figuras 1 é composto por imagem fixa e textos sobrepostos. Na Figura 1, o título “Na época da Ditadura ‘Os Dias eram Assim’” faz referência à série, já a imagem é uma fotografia de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria Bethânia e Gal Costa, provavelmente tirada durante a formação da banda Doces Bárbaros na segunda metade dos anos 1970, composta pelos quatro integrantes. Os artistas foram retratados usando roupas de banho em um momento de lazer. Abaixo de seus nomes aparece a legenda “na praia, sendo barbaramente oprimidos pela ditadura”.

A imagem retrata momentos de descontração, lazer e alegria durante os anos 1970. A Figura 1, inclusive, apresenta artistas opositores à Ditadura, como Caetano Veloso e Gilberto Gil, que foram presos logo após a promulgação do AI-5 em 1968, censurados e forçados ao exílio até o início dos anos 70. O humor sarcástico do meme (Figura 1) se pauta na contradição entre as práticas de opressão, repressão e censura atribuídos ao Estado ditatorial e a situação em que as pessoas estão retratadas nas fotografias, descontraídas e alegres, sobretudo em relação as figuras publicamente contrárias à Ditadura Militar. A contradição é reforçada pela ironia contida nas legendas, que de forma satírica nega a existência de repressão e censura no período.

O meme “Na época da Ditadura ‘Os Dias eram Assim’” (Figura 1), junto com outros exemplos, circulou em reportagem *online* da Folha de São Paulo em 26 de abril de 2017⁹. O título da reportagem destaca a ironia contida nos memes, sem abordar o caráter de negação da história transmitida em suas narrativas. No mesmo dia, o Deputado mencionado anteriormente postou em sua conta oficial no *Twitter* uma imagem com o título da reportagem, dois trechos do texto e dois memes, o da Figura 1 era um deles. Na mesma postagem, acima da imagem, ele compartilhou a *hashtag* #OsDiasNãoEramAssim e a frase “Se formos passivos os derrotados reescreverão a história deturpando a verdade dos fatos.”¹⁰

⁹ O título da reportagem é “Seriado da Globo motiva memes que *ironizam* crimes da ditadura militar” (grifo meu), cujo endereço eletrônico é <https://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/04/1878571-seriado-da-globo-motiva-memes-que-ironizam-crimes-da-ditadura-militar.shtml>. Acesso em 15.07.2021.

¹⁰ Disponível em: <https://twitter.com/BolsonaroSP/status/857243093057376257>. Acesso em 15.07.2021.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Mais uma vez o elemento de disputa pela memória e pela narrativa do período ditatorial é expresso tanto no meme quanto em seus contextos de publicação, bem como junto a demandas de retorno dos militares, como aparece em comentários junto a postagem do meme. O Deputado coloca a reescrita da história como um elemento de disputa entre “vencedores” e “derrotados”, reivindicando a verdade dos fatos em contraposição a sua distorção. Contudo, o que se difunde é um passado falsificado em relação a Ditadura Militar, pois é uma versão que não reconhece a existência de práticas violentas exercidas nesse período.

A releitura em questão se sustenta na negação de acontecimentos e evidências históricas extensamente documentadas em relação a Ditadura Militar, como práticas de repressão e censura. É neste sentido que a categoria “Meme como negação da história” se aproxima do conceito de negacionismo. Ao negar tais práticas, essa representação apresenta um passado falsificado que acaba por atenuar crimes cometidos pelo aparelho ditatorial. E como consequência, essa peça digital veicula uma versão reabilitadora e apologética da Ditadura Militar.

4. Uso político do passado e a disputa pela orientação temporal

A renovada Didática da História compreende que tanto formas científicas quanto não-científicas da história podem influenciar a orientação do agir humano em sua vida prática. Por isso as pesquisas referenciadas nesse campo precisam ter como preocupação o “modo como as representações sobre o passado produzem compreensões do presente e projeções do futuro” (SADDI, 2010, p. 75). Isto é, a Didática da História lida com a orientação temporal subjacente as formas de história que circulam na sociedade.

Para Rüsen, a orientação temporal é uma das funções e finalidades da narrativa histórica. A definição desta narrativa, para o teórico alemão, transcende a distinção entre narrativa que trata apenas de fatos e não de ficções. A singularidade da narrativa histórica frente a outras narrativas se baseia na relação sistemática entre três qualidades específicas:

- 1) Uma narrativa histórica está ligada ao ambiente da memória. Ela mobiliza a experiência do tempo passado, a qual está gravada nos

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

- arquivos da memória, de modo que a experiência do tempo presente se torna compreensível e a expectativa do tempo futuro, possível.
- 2) Uma narrativa histórica organiza a unidade interna destas três dimensões do tempo por meio de um conceito de continuidade. Esse conceito ajusta a experiência real do tempo às intenções e às expectativas humanas. Ao fazer isso, faz a experiência do passado se tornar relevante para a vida presente e influenciar a configuração do futuro.
 - 3) Uma narrativa histórica serve para estabelecer a identidade de seus autores e ouvintes. Essa função determina se um conceito de continuidade é plausível ou não. Este conceito de continuidade deve ser capaz de convencer os ouvintes de suas próprias permanências e estabilidade na mudança temporal de seu mundo e de si mesmos. (RÜSEN, 2011, p. 97)

Assim, para Rüsen, a narrativa é histórica quando torna presente o passado por meio do resgate de lembranças, ou seja, quando mobiliza a memória da experiência temporal. Sua especificidade histórica, entretanto, não se restringe a recuperação do passado pela lembrança. É preciso que as três dimensões temporais estejam integradas mediante interpretação do passado, entendimento do presente e expectativa do futuro numa representação de continuidade que sirva de orientação a vida prática e seja constituidora de identidade entre autores e ouvintes.

Cerri ressalta que

as narrativas não são apenas verbalizadas, mas também condensadas em imagens (o príncipe d. Pedro a cavalo levantando uma espada), palavras (Bastilha, Auschwitz) e símbolos (cruz, foice e martelo, suástica), que são abreviações narrativas. As formas pelas quais as narrativas são usadas (e não apenas feitas) vão demonstrar a incorporação de determinados padrões normativos da consciência histórica. E não se trata de uma narrativa qualquer, mas de narrativas que se refiram a processo reais (e não fictícios), que tenham por objetivo e finalidade o estabelecimento de uma "moral da história", uma conclusão necessária (mesmo que subjacente) que oriente/justifique a ação dos sujeitos, tanto na história narrada quanto na história vivida no presente (grifos meus, 2011, p. 49).

Nessa perspectiva, memes em forma de imagem estática e textos curtos associados a eventos, personalidades e símbolos históricos podem ser considerados como abreviações narrativas constituidoras de consciência histórica e orientadoras de ações na vida prática - caso se refiram a processos reais e não fictícios. Ademais, Rüsen salienta

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

que a função orientadora da narrativa histórica se efetiva mediante o critério de verdade inerente a sua estrutura e a seu caráter comunicativo.

As narrativas históricas não poderiam ser apresentadas para preencher uma função orientadora se a verdade não existisse nelas mesmas – isto é, um elemento de consenso entre as partes envolvidas. Esta verdade transcende o auto interesse em fazer exigências e impor a própria vontade: a verdade faz o interesse relevante se tornar comunicável em relação a outros interesses; a verdade força os interesses relevantes a provarem a si mesmos, orientando-os, assim, a dar significado ao passado, o qual, é de consenso geral, compreende as relações presentes e toma decisões ou, pelo menos, sugestões para as decisões baseadas em perspectivas futuras (2011, p. 80-81).

Nesse caso, o meme analisado nesta pesquisa não se configuraria como uma abreviação narrativas na perspectiva rüseniana, pois, mesmo que se apresente como uma interpretação verdadeira, em seu âmago há a produção de mentiras e falsificação de experiências passadas. Entretanto, como pensar a relação entre narrativa histórica, verdade e orientação temporal diante do fenômeno da pós-verdade? Segundo Bruno Carvalho, pós-verdade foi escolhida “a palavra do ano” em 2016 pelo Dicionário Oxford. O termo foi definido como “relacionar ou denotar circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelar à emoção e à crença pessoal” (2021, p. 161). Carvalho acrescenta:

No que pese o debate nada desprezível sobre a objetividade dos fatos e a verdade, a era da pós-verdade seria uma época em que pesquisas, estudos, estatísticas e discursos amparados na verificação, na checagem, na revisão e na ciência de dados e fatos têm um valor reduzido diante do apelo emocional dos discursos (2021, p. 161).

É justamente na retórica ao apelo emocional do discurso que o Deputado citado anteriormente se baseou para mobilizar uma campanha revisionista, negacionista e falsificadora em relação a Ditadura Militar. Como exposto, tal campanha resultou na produção e difusão de memes cujas narrativas difundem um passado idealizado e falsificado em relação ao contexto histórico vivido no país entre 1964 e 1985. Essas representações sobre o passado, mesmo não sendo verídicas, constroem compreensões e orientam ações no presente, além de projetarem intenções futuras. Isto é, essas

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

representações têm exercido influência sobre a orientação temporal das pessoas em sua vida prática. Mesmo que a(o) usuária(o) não chegue a produzir um meme, curtir, compartilhar e comentar tal peça digital em redes sociais já são ações no tempo presente. E são ações que alcançam milhares de pessoas não especializadas na construção do conhecimento histórico científico. Além disso, de forma recorrente, as postagens desses memes foram acompanhadas por reivindicações de intervenção militar, denotando um projeto de futuro em disputa.

5. Considerações finais

Contemporaneamente, além da negação de processos, acontecimentos e evidências históricas, há uma ampla produção e difusão de negacionismos: *climático, ambiental, geográfico, sanitário e biológico*, para citar alguns exemplos. Em meio a pandemia da Covid-19, responsável pela morte de milhões de pessoas ao redor do mundo, há uma profusão de ideias que negam a existência do coronavírus – e da própria pandemia –, além da eficácia das vacinas como recurso para a imunização. Paralelamente, outros tipos de negacionismos recusam admitir a existência de mudanças climáticas, negam o aquecimento global como fruto da ação humana, a esfericidade da Terra, a teoria evolucionista, dentre outros. O *negacionismo histórico*, portanto, é uma das facetas do *negacionismo científico*.

A negação de evidências científicas, a recusa da ciência como conhecimento válido sobre a realidade, bem como a produção e divulgação de mentiras e notícias falsas não é uma novidade na história. Contudo, a amplificação e rapidez da circulação de tais ideias com o avanço das tecnologias da informação e da comunicação é uma característica da contemporaneidade. Isso tornou o fenômeno do negacionismo e das *fake news* (notícias falsas) uma preocupação a ser investigada e enfrentada em diferentes ramos da ciência, sobretudo quando as mentiras e falsificações são produzidas sistemática e intencionalmente por grupos políticos, econômicos, fundamentalistas religiosos e governos autoritários.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Em relação a processos históricos, atualmente defensores e apoiadores da Ditadura Militar no Brasil têm feito um uso político de mídias digitais, como os memes, para produção e difusão de abordagens revisionistas, negacionistas e falsificadoras do período em questão. Tal uso, contudo, provoca diversos danos. Um deles é o fomento a práticas de desinformação e de manipulação político-ideológica, tendo em vista que tais mídias veiculam informações falsas intencionalmente produzidas. De forma preocupante, essas práticas alcançam rapidamente amplos públicos devido as características inatas de replicação e viralização dos memes, principalmente, em redes sociais (*Facebook e Twitter*) e aplicativos de trocas de mensagens instantâneas (*WhatsApp*). Tudo isso acaba produzindo riscos à ordem democrática contemporânea, pois tais representações reabilitam aspectos violentos e autoritários desse período, como a instalação de golpes e intervenções militares.

Como exposto, o intuito de justificar e legitimar propósitos ideológicos no presente conduz a interpretação distorcida e falsificada da experiência da Ditadura Militar. Tal interpretação, contudo, acaba por orientar ações dos sujeitos em seu cotidiano e perspectivar horizontes políticos autoritários e violentos. Por isso torna-se relevante compreender a relação entre tais usos do passado e a orientação temporal das pessoas em sua vida prática.

Por isso a importância de historiadoras(es) compreenderem esse processo e atuarem tanto em salas de aula quanto em outros espaços de socialização a partir do método da ciência histórica na interpretação da experiência do tempo a fim de desvelar e evitar o uso abusivo do passado. Como afirma Rüsen (2001), o que diferencia a ciência histórica de outras formas de história é justamente seu acréscimo de racionalidade e os critérios de verdade utilizados na construção do conhecimento histórico confiável. Razão, nesse sentido, compreendida como garantia cognitiva de validade e como conjunto de princípios formais de verdade (RÜSEN, 2007, p. 123). Se os seres humanos necessitam constituir sentido sobre a experiência no tempo para se orientarem melhor diante das mudanças, que esse sentido de orientação seja construído com base em uma razão argumentativa e em critérios de verdade a fim de se evitar manipulações, abusos políticos e interpretações falsificadas do passado.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Referências

CADENA, Silvio Ricardo Gouveia. **Narrativas digitais e a história do Brasil: uma proposição para a análise de memes com temáticas coloniais e seu uso nas aulas de História.** 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2018.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Fake News: do passado ao presente. In: Jaime Pinsky, Carla Pinsky. (Org.). **Novos combates pela história.** 1ed. São Paulo: Contexto, 2021, v. , p. 147-171.

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência histórica.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

MELO, Demian Bezerra de. Revisão e revisionismo historiográfico: os embates sobre o passado e as disputas políticas contemporâneas. **Marx e o Marxismo** v.1, n.1, jul/dez 2013.

MELO, Demian Bezerra de. Revisão e revisionismo na historiografia contemporânea. In MELO, Demian Bezerra de (Org.). **A miséria da historiografia.** Uma crítica ao revisionismo contemporâneo. Rio de Janeiro: Consequência, 2014. p. 17-49.

MORAES, Luis Edmundo de Souza. O negacionismo e o problema da legitimidade da escrita sobre o passado. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, São Paulo, jul. 2011.

POPOLIN, Guilherme. Memes de discussão pública: o mito político do comunismo no facebook. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

RÜSEN, Jörn. Aprendizado histórico. In. SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (org.). **Jörn Rüsen e o ensino de história.** Curitiba: Editora UFPR, 2011. p. 41 – 49.

SADDI, R. Didática da história como sub-disciplina da ciência histórica. **História e Ensino**, v. 16, n. 1, p. 61-80, 2010.

TRAVERSO, Enzo. Revisão e Revisionismo. In: SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de; MELO, Demian Bezerra de; CALIL, Gilberto Grassi (Org.). **Contribuição à crítica da historiografia revisionista.** Rio de Janeiro: Consequência, 2017, p. 27 a 34.

VIDAL-NAQET, Pierre. **Os assassinos da memória.** Campinas: Ed. Papyrus, 1988.